

DIZ ISSO CANTANDO

Darcilia Simões (UERJ)

darcilia@simoes.com

Natália Rocha Correia(UERJ)

Thaís de Araújo da Costa(UERJ)

araujo_thais@yahoo.com.br

Marilza Maia de Souza(UERJ)

marilza.maia@gmail.com

Manuela Trindade Oiticica

manuelatrindade@hotmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ensino de língua portuguesa é, inegavelmente, um grande desafio para os professores. Os alunos consideram o aprendizado do vernáculo tão difícil como o de uma língua estrangeira, afinal, são muitas regras e exceções que não fazem parte da linguagem coloquial, utilizada por eles diariamente. O professor tem, portanto, um problema a solucionar: como tornar as aulas de língua portuguesa mais interessantes e atraentes para os alunos? Como fazê-los participar das aulas de português e descobrirem o prazer em aprender a norma padrão da língua?

Os livros didáticos não se mostram eficazes no ensino da língua portuguesa e contribuem para que os alunos entendam o vernáculo como complexo e cheio de regras para memorização. A forma de se “dar” aulas precisa ser revista, porque a dinâmica em sala deve lançar mão de outros métodos alternativos que se têm mostrado eficientes para despertar o interesse do aluno, por conseguinte, favorecem a aprendizagem. A aplicação de diferentes estratégias, a interação com outras áreas (a música, por exemplo) pode ser um excelente ponto de partida em busca dos resultados desejados.

Urge, pois, a necessidade de criar ou experimentar métodos que sejam mais estimulantes para os alunos, a fim de aguçar-lhes a curiosidade e a vontade de saber cada vez mais, facilitar o aprendizado da própria língua, articulando a escola e a realidade do aluno. Ademais, é preciso que a escola seja um lugar para qualquer criança progredir, independentemente de sua situação social.

Diante de tais preocupações com o ensino de língua materna, contamos com a experiência de nossa orientadora no projeto *A música e o ensino da língua portuguesa* (Profa. Dra. Darcília Simões) cujo objetivo foi a elaboração de material de apoio técnico-didático para a produção de aulas de português cujo corpus são as letras-de-música. Esse material, não só documenta usos lingüísticos variados, mas especialmente mostra-se próximo à experiência lingüístico-cultural do estudante.

O produto final de nossa pesquisa é um livro que será lançado em outubro/2007 – *Português e aprende cantando* -, destinado a auxiliar os professores a planejarem aulas com letras-de-música popular. No livro, as letras estão ordenadas, segundo seu conteúdo gramatical, buscando contemplar todos os planos da análise e dando atenção especial à variação lingüística. Portanto, nossos estudos reuniram materiais para aulas com conteúdo da fonologia, da morfossintaxe, da semântica, da estilística e de seleção lexical. Nos estudos de vocabulário, introduziu-se a informação semiótica.

ENSINAR PORTUGUÊS COM MÚSICA

Uma vez constatada a necessidade de ampliação do domínio idiomático do falante hodierno instaura-se outra necessidade: a de se investir na avaliação de textos que se prestem à informatividade. Acresce-se ainda a exigência de usos criativos da língua, com vistas a ampliar a competência comunicativa.

Por ser um corpus que abrange os critérios mencionados com vistas ao enriquecimento lingüístico, as letras-de-música popular brasileira podem ser consideradas excelente material a ser explorado nas aulas cuja meta é a aquisição do uso escrito da língua. Observando os reflexos do que se diz no que se escreve, busca-se a formação de usuários versáteis lingüisticamente, portanto, preparados para uma participação social efetiva, pois acreditamos que as melhores coisas da vida são ditas cantando.

Considere-se que o aproveitamento de letras-de-música em aulas de português significa a rejeição de um trabalho de análise gramatical com fins meramente classificatórios. E a preocupação com aspectos sociolingüísticos, semânticos, fônicos, da observação

do léxico presente nas canções, é um dos possíveis caminhos para dinamização das aulas. Precisa-se apostar nas “aulas de português como paradas de sucesso” (Simões, 2005, p. 113) para tornar o estudante mais próximo do seu idioma e oferecer-lhe subsídio “para que ele possa transitar com desenvoltura pelos diversos contextos da vida em sociedade” (Simões, 2005, p. 116).

Nesses dois anos de pesquisa com letras-de-música, foi possível perceber a riqueza tanto lingüística, quanto cultural que este objeto abarca, além da facilidade de aceitação do mesmo por parte dos docentes e dos discentes. Várias escolas do município e do Estado do Rio de Janeiro, através do programa *SBPC vai à escola*, convidaram-nos a apresentar o projeto *A música e o ensino da língua portuguesa*, o qual foi aclamado tanto por professores quanto por alunos que tiveram a oportunidade participar da apresentação do referido projeto.

A proposta do projeto é a da inserção didático-pedagógica de um gênero textual que circula no contexto dos alunos e dos professores, o qual, segundo as experiências no Programa de Iniciação Científica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PIBIC-UERJ, estimulará o interesse e a participação dos alunos; por conseguinte, desenvolverá a competência comunicativa e a interação verbal desses alunos na sala de aula e fora dela.

ILUSTRANDO NOSSA PESQUISA LINGÜÍSTICA NAS LETRAS-DE-MÚSICA

Faz parte do nosso show *– reflexões sobre o emprego dos pronomes oblíquos no Brasil*

Hodiernamente, discute-se muito o uso da Língua Portuguesa no Brasil. Discute-se, inclusive, até que ponto a língua falada aqui é a mesma de Além-Mar. Estudos recentes de base variacionista defendem a tese de que a variação lingüística é condicionada tanto por fatores intralingüísticos como por fatores extralingüísticos. Assim, como resposta às constantes insinuações de que nós, brasileiros, estamos “assassinando” a Língua Portuguesa, aqueles estudos dizem que, ao contrário do que muitos pensam. A língua, como produção cultural acompanha a dinâmica social dos falantes e vai absorvendo, transformando, reconstruindo formas com que entra em contato, re-

novando-se incessantemente. Logo, a Língua Portuguesa encontra-se em pleno processo de expansão.

Nessa perspectiva, a Língua Portuguesa é um todo lingüístico (um sistema) que, dependendo do contexto e de características dos falantes (status social, idade, sexo, profissão, etc.), apresenta variações; não existindo, portanto, um país ou um grupo social que fale mais certo ou mais errado do que outro, senão diferentes formas de expressão de diferentes culturas, pois a língua é a maior forma de expressão e de perpetuação da cultura de um povo.

É indiscutível o fato de que a Língua Portuguesa que falamos hoje não é a mesma que foi documentada por Pero Vaz de Caminha ou por Camões. Se fosse, por um lado seria insuficiente em muitos aspectos para suprir as necessidades comunicativas do nosso dia-a-dia; por outro, seriam grandes as chances da incomunicabilidade, uma vez que isso demonstraria que paramos no tempo a despeito da evolução dos outros povos. Além disso, não podemos simplesmente ignorar o encontro entre as culturas européia, indígena e africana, que formaram o nosso povo e deram origem a nossa variante lingüística. Portanto, o que se tem é uma modalidade brasileira da Língua Portuguesa, uma variedade nacional do português.

A variação lingüística é um fato. Admiti-la é aceitar repensar o sistema de ensino da Língua Portuguesa no Brasil, principalmente no que diz respeito à dicotomia *certo e errado*. Afinal, se aceitamos a diversidade cultural existente em nosso imenso país, não é coerente classificar as variedades lingüísticas como certas ou erradas, já que são apenas o documento da diferença.

A despeito das polêmicas geradas pelo tema *variação lingüística* quando relacionado ao ensino, é preciso ressaltar que, embora a escola esteja comprometida com o ensino do uso padrão (norma culta), cabe ao professor promover o contato do aluno com textos que documentem as variedades nacionais (e até internacionais) do português, para que o estudante se torne capaz de identificá-las e até usá-las em situações específicas. Enfatize-se que o uso padrão demanda domínio da norma gramatical em prol do aperfeiçoamento da expressão e do desenvolvimento da competência de leitura. Entretanto, cumpre mostrar aos alunos que cada variedade tem regras próprias e seria errado o transplante de regra de uma variedade para outra.

Neste livro, por intermédio das *letras-de-música*, apresentamos algumas sugestões de trabalho relacionadas à variação linguística, com o objetivo de contribuir não só com a dinâmica da sala de aula, mas também com a *despreconceitualização* das variedades não-padrão da língua.

Utilizando como *corpus* a letra-de-música *Faz parte do meu show*, enfocamos as diferenças fonéticas e morfossintáticas referentes à colocação pronominal existentes, por meio de um confronto entre o uso da Língua Portuguesa no Brasil e o que prega a gramática normativa. Antes disso, no entanto, faremos uma breve revisão da questão pronominal.

Os pronomes pessoais

Os pronomes pessoais denotam as pessoas do discurso e podem classificar-se como retos ou oblíquos:

Pessoas	Retos	Oblíquos	
		Átonos	Tônicos
1ª	EU	me	mim, comigo
2ª	TU	te	ti, contigo
3ª	ELE	o, a, lhe	ele, ela
4ª	NÓS	nos	nós, conosco
5ª	VÓS	vos	vós, convosco
6ª	ELES	os, as, lhes	eles, elas

Quando do caso reto, funcionam como sujeito da oração; já quando do caso oblíquo, empregam-se fundamentalmente como complemento verbal. Exceto em casos como: *Encho-te a bola*, em que o pronome oblíquo pode ser classificado como adjunto adnominal, pois, nesse caso, a oração corresponde a *encho a tua bola*

A colocação pronominal no Brasil

Embora seja condenado pela gramática normativa, observamos o emprego da próclise no início dos períodos. Tal fato pode ser justificado devido à prosódia da variedade brasileira que, diferentemente da variedade de Portugal, é de base vocálica, sendo, por isso, muito mais natural dizer *Te pego* do que *pego-te*. Além da expressi-

vidade contida no primeiro sintagma, esse emprego sinaliza também uma forte tendência brasileira ao apagamento do sujeito e à marcação do objeto.

É interessante observar também que, apesar de estudos atuais apontarem o desaparecimento da segunda pessoa (tu) na variante brasileira, é esta a escolhida pelos autores (e pela maioria dos brasileiros) ao empregar os clíticos. Contudo, deve-se enfatizar que a segunda pessoa restringe-se ao emprego dos pronomes oblíquos, o que, na verdade, não contesta os resultados dos estudos mencionados, mas apenas sinaliza uma preferência dos brasileiros pelo uso desses pronomes (*te, ti, contigo*) em detrimento dos de terceira (*lhe, o, a*), ao contrário do que ocorre no emprego dos pronomes sujeitos e das formas verbais³. Essa preferência ou tendência da variedade brasileira é, em primeiro lugar, uma recuperação do que prega a gramática (Cunha, 2001, p. 276):

- 2ª pessoa – quando falo com alguém
- 3ª pessoa – quando falo de alguém

e, em segundo lugar, o pronome *te* tem um valor muito mais afetivo e sugere uma aproximação muito maior entre o locutor e o seu interlocutor do que o *lhe*. Isso observamos também no emprego desses pronomes na variante de Portugal (*Id.* p. 291):

- 2ª pessoa – para pessoas íntimas/ situações informais
- 3ª pessoa – situações formais

FAZ PARTE DO MEU SHOW (CAZUZA)	
Te pego na escola (V. 1)	Vago na lua deserta (V. 19)
E encho a tua bola (V. 2)	Das pedras do arpoador (V. 20)
Com todo o meu amor (V. 3)	Digo alô ao inimigo (V. 21)
Te levo pra festa (V. 4)	Encontro um abrigo (V. 22)
E testo o teu sexo (V. 5)	No peito do meu traidor (V. 23)
Com ar de professor (V. 6)	Faz parte do meu show (V. 24)
Faço promessas malucas (V. 7)	Faz parte do meu show, meu amor (V. 25)

³ Na variante oral popular brasileira, observa-se frequentemente o emprego do pronome pessoal do caso reto de 2ª pessoa, porém esse não é empregado em concordância com a forma verbal correspondente, o que gera enunciados como: *Tu vai.

Tão curtas quanto um sonho bom (V. 8)	25)
Se eu te escondo a verdade, baby (V. 9)	Invento desculpas (V. 26)
É pra te proteger da solidão (V. 10)	Provoco uma briga (V. 27)
Faz parte do meu show (V.11)	Digo que não estou (V. 28)
Faz parte do meu show, meu amor (V. 12)	Vivo num clip sem nexo (V. 29)
Confundo as tuas coxas (V. 13)	Num pierrô-retrocesso (V. 30)
Com as de outras moças (V. 14)	Meio bossa nova e rock'n' roll (V. 31)
Te mostro toda a dor (V. 15)	Faz parte do meu show (V. 32)
Te faço um filho (V. 16)	
Te dou outra vida (V. 17)	
Pra te mostrar quem sou (V. 18)	

Traços morfossintáticos dos pronomes oblíquos

Alguns pronomes, dependendo do contexto em que são empregados, podem exercer função sintática. Vejamos:

(V. 1) *Te* pego na escola.

No verso 1, observa-se um predicado verbal⁴ cujo núcleo é a flexão (IdPrP₁) *pego* do verbo *pegar* (transitivo direto). O sujeito está marcado apenas pela desinência número-pessoal da primeira pessoa do singular (eu) contida na forma verbal. *Na escola* é termo acessório⁵, indica circunstância de lugar; exerce, portanto, a função sintática de adjunto adverbial. Já o pronome oblíquo *te* está anteposto ao verbo devido a um fenômeno fonético-morfossintático, ou seja, referente à prosódia da variante portuguesa falada no Brasil, o que o torna, ao contrário do que nos ensina a gramática, um pronome tônico, em vez de átono; sendo, por isso, para nós mais natural antepô-lo ao verbo (*Id.*, 316-318). Tal inversão caracteriza, assim, uma ordem

⁴ Deve-se lembrar que a predicação verbal SE CONSOLIDA NO contexto em que o verbo está empregado.

⁵ São termos essenciais de um período o sujeito e o predicado; integrantes, complemento nominal e complemento verbal; e acessórios, adjunto adnominal, adjunto adverbial, aposto e vocativo.

psicológica⁶ típica da nossa variante, que coloca em destaque o termo a ser enfatizado, ou seja, a função exercida por *te* e toda a sua carga semântica.

Ora se sabemos que *pegar* exige complemento de coisa ou pessoa, pergunta-se ao verbo: *o que eu pego?* No caso, o locutor dirige-se, como vimos, ao seu interlocutor (*Eu pego tu*⁷), sendo assim *te* o complemento do verbo *pegar* (objeto direto).

Observe-se que no uso coloquial, *tu* e *você* são intercambiáveis como referentes à pessoa com quem se fala (segunda pessoa).

Já em:

(v9) Se eu te escondo a verdade, baby

o núcleo do predicado verbal é a flexão (IdPrP1) *escondo* do verbo transitivo direto e indireto *esconder*. No verso 9, temos o sujeito simples *eu* e, como o verbo é bitransitivo, dois complementos verbais: objeto direto e indireto, pois *esconder* exige complemento de coisa e pessoa. Assim, perguntamos:

O que *eu* escondo?

E teremos como resposta o objeto direto:

R: *a verdade*.

De quem *eu* escondo?

E teremos como resposta o objeto indireto:

R: *de ti/de você*, que na oração está representado pelo pronome oblíquo de 2ª pessoa *te*. Logo, a função sintática exercida pelo pronome *te* é objeto indireto.

⁶ A ordem psicológica subverte a ordem direta (SVO) para dar maior ênfase a algum termo de acordo com a necessidade e a intenção comunicativa.

⁷ Esse tipo de construção não só é inaceitável segundo a gramática normativa da Língua Portuguesa, como também não é muito comum na variante brasileira, onde observamos, em seu lugar, a predominância do pronome de tratamento *você*. Se a utilizamos aqui, foi somente para enfatizar a correspondência existente entre os pronomes de 2ª pessoa, passando para a ordem direta.

Observe os versos a seguir:

1. (v4) Te *levo* pra festa.

- Núcleo do predicado:

Verbo transitivo direto *levar* conjugado no presente (IdPrP₁)

- Complemento verbal:

Quem *eu* *levo*?

R: tu/você. (= te – objeto direto)

2. (v10) É pra te *proteger* da solidão.

- Núcleo do predicado:

Verbo transitivo direto e indireto *proteger* (o sujeito além de estar expresso desinencialmente, também está explícito no verso anterior; caracterizando, assim, o que chamamos de zeugma [*Id.* 625]).

- Complemento verbal:

Quem *eu* *protejo*?

R: tu/você (= te – objeto direto)

Do que *eu* te *protejo*?

R: *da* solidão (objeto indireto)

3. (v15) Te *mostro* toda a dor.

- Núcleo do predicado:

Verbo transitivo direto e indireto *mostrar* conjugado no presente (1ª pessoa do singular)

- Complemento verbal:

O que *eu* *mostro*?

R: toda a dor. (objeto direto)

A quem *eu* *mostro*?

R: a tu/a você. (= te – objeto indireto)

4. (v16) Te *faço* um filho.

- Núcleo do predicado:

Verbo transitivo direto e indireto *fazer* conjugado no presente
(1ª pessoa do singular)

- Complemento verbal:

O que *eu* faço?

R: um filho (objeto direto)

Em quem *eu* faço?

R: *em* tu/ *em* você (= te - objeto indireto)

5. (v17) Te dou outra vida.

- Núcleo do predicado:

Verbo transitivo direto e indireto *dar* conjugado no presente
(1ª pessoa do singular)

- Complemento verbal:

O que *eu* dou?

R: outra vida (objeto direto)

A quem *eu* dou?

R: *a* tu/ *a* você (= te – objeto indireto)

6. (v18) Pra te mostrar quem sou.

- Núcleo do predicado:

Verbo transitivo direto e indireto *mostrar* (o sujeito estar expresso no verso anterior)

- Complemento verbal:

O que *eu* mostro?

R: quem sou (objeto direto)

A quem *eu* mostro?

R: *a* tu/ *a* você (= te – objeto indireto)

A partir do que foi exposto ao longo dessa seção, podemos identificar as diferenças morfossintáticas no que tange ao emprego dos pronomes oblíquos encontradas na variedade brasileira em relação à portuguesa. Deve-se enfatizar, contudo, que essas diferenças são marcadas predominantemente na oralidade e que na escrita, em sua maioria, restringem-se ao campo semântico. Para que o aluno se conscientize dessas distinções de emprego e saiba quando utilizá-las, recomendamos que o professor o exponha ao maior número possível de textos oriundos de diferentes modalidades, oral e escrita, e de diferentes contextos; mais formal, menos formal, fazendo um estudo comparativo quanto aos recursos lingüísticos empregados pelo emissor a fim de satisfazer a sua intenção comunicativa e discutindo, inclusive, se estes são pertinentes ou não.

Veja outro exemplar na tabela da próxima página.

Essa *letra-de-música* revela uma espécie de jogo de xadrez em que as palavras são as peças, e o sentido delas apreendido causa o movimento de cada palavra, unindo-as através de uma rede de significações. Portanto, o mecanismo do jogo de xadrez no texto só se faz perceptível ao leitor/ouvinte porque as palavras mantêm uma relação de significados entre si, necessária à compreensão do texto.

Enfatizamos, então, na nossa proposta de estudo da música “O Quereres”, uma análise com base semântica, para evidenciar alguns recursos de que o compositor se valeu no ato de produção do seu texto.

Destacamos a seguir alguns recursos.

Relação antonímica entre as palavras

Na música “O Quereres”, de Caetano Veloso, há vários exemplos de pares antonímicos. Nesse tipo de relação, os valores antonímicos só serão reconhecidos no contexto, ou seja, não há uma relação original (dicionária) de oposição entre pares de palavras; a relação de oposição é construída no texto. Considerando-se que a antonímia não tem necessariamente de ocorrer entre palavras isoladas como, por exemplo, nos pares *quente/ frio* ou *noite/ dia* mas, muito além disso, pela elasticidade de valores semânticos que compõem o

léxico de uma língua, podemos dizer que a antonímia é um fenômeno do uso (Teixeira, 2005, p. 21).

O QUERERES (CAETANO VELOSO)	
<p>Onde queres revólver sou coqueiro, onde queres dinheiro sou paixão Onde queres descanso sou desejo, e onde sou só desejo queres não E onde não queres nada, nada falta, e onde voas bem alta eu sou o chão E onde pisas no chão minha alma salta, e ganha liberdade na amplidão.</p> <p>Onde queres família sou maluco, E onde queres romântico, burguês Onde queres Leblon sou Pernambuco, e onde queres eunuco, garanhão E onde queres o sim e o não, talvez onde vês eu não vislumbro razão Onde queres o lobo eu sou o irmão, e onde queres cowboy eu sou chinês.</p> <p>Ah, bruta flor do querer, ah, bruta flor, bruta flor</p> <p>Onde queres o ato eu sou o espírito, e onde queres ternura eu sou tesão Onde queres o livre decassílabo, e onde buscas o anjo eu sou mulher Onde queres prazer sou o que dói, e onde queres tortura, mansidão Onde queres o lar, revolução, e onde queres bandido eu sou o herói.</p>	<p>Eu queria querer-te e amar o amor, construímos dulcíssima prisão E encontrar a mais justa adequação, tudo métrica e rima e nunca dor Mas a vida é real e de viés, e vê só que cilada o amor me armou E te quero e não queres como sou, não te quero e não queres como és.</p> <p>REFRÃO</p> <p>Onde queres comício, flipper vídeo, e onde queres romance, rock'nroll Onde queres a lua eu sou o sol, onde a pura natureza, o inseticídio E onde queres mistério eu sou a luz, onde queres um canto, o mundo inteiro Onde queres quaresma, fevereiro, e onde queres coqueiro eu sou obus.</p> <p>O queres e o estares sempre a fim do que em mim é de mim tão desigual Faz-me querer-te bem, querer-te mal, bem a ti, mal ao queres assim Infinitivamente pessoal, e eu querendo querer-te sem ter fim E querendo te aprender o total do querer que há e do que não há em mim.</p>

Para observarmos mais facilmente as relações de oposição em “O Querer” partimos de dois vocábulos, *eu* e *tu*, que apresentam visões contrárias acerca do mundo, como podemos acompanhar nos versos seguintes:

vê só que cilada o amor me armou:
eu te quero (e não queres) como sou
 não te quero (e não queres) como és

Vejamos no quadro 1 exemplos de palavras ou, ainda, de estruturas frasais que documentam a relação de contrariedade mantida pelo par de vocábulos *tu* e *eu* no poema:

Tu	Eu
revólver	coqueiro
dinheiro	paixão
descanso	desejo
família	maluco
romântico	burguês
Leblon	Pernambuco
eunuco	garanhão
sim e não	talvez
lobo	irmão
cowboy	chinês
ato	espírito
ternura	tesão
anjo	mulher
prazer	o que dói
tortura	mansidão
lar	revolução
bandido	herói
comício	flipper-vídeo
romance	rock'n'roll
lua	sol
pura natura	inseticídio
mistério	luz
um canto	o mundo inteiro
quaresma	fevereiro
coqueiro	obus
voas bem alto	eu sou o chão
pisas o chão	minha alma salta
vês	não vislumbro razão
não queres como sou	eu te quero como sou
não queres como és	eu não te quero como és
o queres o estares sempre a fim	do que em mim é de mim tão desigual

Percebe-se, a partir destes pares antonímicos, que as relações são estabelecidas entre elementos que se completam como partes de um todo, não entre elementos que têm de *a priori* ser opostos.

Acompanhem, agora, no quadro 2 (cf. Rei, 2002) as relações de oposição dos pares de palavras exemplificados acima:

Pares antonímicos no texto	Relação de oposição
Revólver/ coqueiro	Revólver: associado a atos violentos; que pode tirar a vida; Coqueiro: que dá frutos, portanto, vida.
Dinheiro/ paixão	Dinheiro: algo concreto; material. Paixão: sentimento; abstrato; espiritual.

Descanso/ desejo	Descanso: corpo em repouso; inaptidão sexual. Desejo: corpo em atividade; apto sexual.
Família/ maluco	Família: apego ao lar. Maluco: comportamento inconseqüente; que gosta de experimentar liberdade.
Romântico/ burguês	Romântico: culto aos sentimentos Burguês: apego material, sobretudo ao dinheiro.
Leblon/ Pernambuco	Leblon: metrópole; badalação. Pernambuco: provincianismo; sossego.
Eunuco/ garanhão	Eunuco: associado ao que ou àquele que é estéril. Garanhão: com facilidade de reprodução.
O sim e o não/ talvez	Sim e não: certeza. Talvez: dúvida
Lobo/ irmão	Lobo: voracidade. Irmão: pacato.
Cowboy/ chinês	Cowboy: está associado à imagem do mocinho americano, do mundo ocidental (sua imagem é construída a partir de seus atos heróicos). Chinês: representa o mundo oriental, prefere se proteger mais, se posiciona contra os atos de heroísmos.
Ato/ espírito	Ato: concreto. Espírito: abstrato.
Ternura/ tesão	Ternura: sentimento dócil; afeto; espiritual. Tesão: desejo carnal; inconseqüente; sentimento num plano inferior.
Livre/ decassílabo	Livre: não se prende a regras. Decassílabo: preso às regras.
Anjo/ mulher	Anjo: pureza; ingenuidade. Mulher: ser ambíguo; sedutor.
Prazer/ dói	Prazer: alegria Dói: tristeza
Tortura/ mansidão	Tortura: faz sofrer. Mansidão: acalma.
Lar/ revolução	Lar: tranqüilidade; estabilidade. Revolução: turbulência; desestabilidade.
Bandido/ herói	Bandido: transgride as leis. Herói: respeita as leis.
Comício/ flipper vídeo	Comício: reunião de pessoas que interagem entre si em um mesmo ambiente, em busca de um interesse comum. Flipper vídeo: várias pessoas em um mesmo ambiente, mas a relação de interação dá-se entre o sujeito e a máquina.
Romance/ rock'nroll	Romance: calma; sossego. Rock'nroll: protesto; barulho.
Lua/ sol	Lua: noite, escuridão. Sol: dia, claridade.
pura natura/ inseticídeo	Pura natura: aquilo que é próprio da natureza, é natural. Inseticídeo: produto industrializado, artificial.

Mistério/ luz	Mistério: que não é revelado; obscuro Luz: clareza
um canto/ o mundo inteiro	Um canto: atitude de egoísmo. O mundo inteiro: atitude de altruísmo.
Quaresma/ fevereiro	Quaresma: corresponde aos quarenta dias que se seguem após o carnaval. Nesse período, os cristãos fazem jejuns e penitências, relembrando os dias da via-cruis de Cristo. Fevereiro: o mês que marca, tradicionalmente, a festa de carnaval; festa pagã, profana.
Coqueiro/ obus	Coqueiro: que dá frutos, portanto, vida. Obus: uma espécie de morteiro ou granada; tira a vida.

Por vezes, o compositor se vale também do recurso da *antonímia a priori*, característica de pares de signos com valores opostos originais, em que uma alternativa nega a outra.

Veja os exemplos: *sim/não*; *bandido/herói*; *lua/sol*; *bem/mal*.

Nesse tipo de relação, os pares antonímicos podem ser mais facilmente identificados se retirados do texto, ou seja, se vistos isoladamente.

Conversão

Quando uma palavra é empregada fora de sua classe gramatical habitual, dizemos que há uma conversão, pois, não ocorrem mudanças formais na palavra (Leitão, 2000, 57).

Observando o título da música, “O Quereres”, notar-se-á que ocorreu um caso de conversão, pois *quereres* é uma forma verbal de infinitivo flexionado que foi substantivada devido à presença do artigo.

O fato de o artigo aparecer no singular acompanhando uma forma nominal no plural é explicável pela combinação do artigo com a forma nominal de segunda pessoa do singular (há um “tu” elíptico).

Na dissertação de Rei (2002) cujo *corpus* são algumas letras-de-música de Caetano Veloso, incluindo “O Quereres”, Rei conclui que *quereres* é um tipo de neologismo que o autor da letra-corpus cria; que é uma excentricidade nas línguas neolatinas, pois, no caso específico da nossa língua, a prática mais comum é a de se flexionar o verbo. A escolha depurada de C. Veloso, no entanto, traz uma intenção estilística, pois o autor usa a forma *querer* na 2ª pessoa do

singular em quase todos os versos, aproximando ainda mais, nas palavras de Rei (2002), a forma verbal *quereres* do neologismo substantivo *quereres*.

Por meio da interpretação semiótica notar-se-á o potencial imagético (icônico) dos vocábulos (SIMÕES, 2004), ou seja, as palavras não precisam representar o que significam *a priori*, mais que isso, elas podem ser carregadas de significados que extrapolam a escrita para alcançar o nível da imagem. Parece-nos que a formação neológica de base semântica explora essa possibilidade semiótica.

CONCLUSÃO

Dinamizar as aulas de língua portuguesa e perseguir o objetivo de expandir o desejo de aprofundar-se na cultura do nosso país é o motor de nossa pesquisa com letras-de-música popular brasileira. Não defendemos, porém, a idéia de que a aula de português deva se transformar numa sucessão de aulas musicais. A proposta é a de se explorarem-se diferentes gêneros textuais, enriquecendo não só as aulas, mas também o domínio lingüístico-cultural de discentes e docentes.

Com os exemplos apresentados, cremos ter sido possível demonstrar como uma análise gramatical pode ser produtora e prazerosa. Além de se identificar os aspectos fônicos, semânticos ou estilísticos e o apuro na seleção vocabular presentes em textos do cotidiano dos estudantes, promovem-se sessões de vivência da língua em ritmo de música. Português se aprende cantando.

BIBLIOGRAFIA

CUNHA, Celso e Lindley Cintra. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, Celso. *Língua Portuguesa e realidade brasileira*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

FERREIRA, Aurélio Buarque de H. *Dicionário Aurélio eletrônico século XXI*, versão 3.0. Rio de Janeiro: Lexicon Informática e Nova Fronteira, 1999.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1981.

KURY, Adriano da Gama. *Lições de análise sintática*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

LEITÃO, Luiz Ricardo (org.). *Gramática crítica: o culto e o coloquial no português brasileiro*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 2000.

REI, Claudio Artur de O. *A palavra caetana: estudos estilísticos*. Rio de Janeiro: UERJ. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Orientação de Darcilia Simões, 2002.

SALGUEIRO, Wilberth Claython Ferreira. *Conceito e concerto em "O Quereres" de Caetano Veloso*. Disponível em: <http://www.ufes.br/%7Emlb/fronteiras/textos.asp>. Acesso em agosto de 2006.

SIMÕES, Darcilia. Semiótica & ensino: estratégias para a leitura e textualização. **In:** —. (org.) *Estudos semióticos*. Papéis Avulsos. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2004, p. 86-95.

———. Língua Portuguesa e Cidadania: uma perspectiva multidiale-
tal para o ensino. **In:** HENRIQUES, Claudio C. & SIMÕES, Darcilia
(orgs.). *Língua e cidadania: novas perspectivas para o ensino*. Rio de
Janeiro: Europa, 2004, p. 89-113.

———. *A música e o ensino da língua portuguesa*. Projeto de Inic.
Cient. 2005/2007. Disponível em www.darcilia.simoes.com. Acesso:
maio de 2007.

TEIXEIRA, José. Relações lingüísticas de antonímia: O insucesso da
Lógica e o valor da cognição humana. **In:** MARQUES, Maria Aldina
et alli (Orgs). *Ciências da linguagem: 30 anos de investigação e en-
sino*. Braga: Universidade do Minho, 2005.

ULLMANN, Stephen. *Semântica*. Uma introdução à ciência do sig-
nificado. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.